

Luiz Antonio de Assis Brasil

MANHÃ TRANSFIGURADA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

1

Desde madrugada que estão lidando, Laurinda me dá isso, Laurinda me dá aquilo, me alcança as anáguas, duas, três, cinco, de molde a ficar uma silhueta bojuda, redonda nas ancas, como se quer de mulher jovem e bem-acabada. E Laurinda corria para atender à senhora, abrindo baús, caixas, sempre risonha, os dentes alvos clareando a cara; fazia-se leve, apesar do peso que acumulou em todos os anos que servia Dona Camila, desde quando a senhora ainda era guria nova.

Faz com muito gosto, e sem reclamar, ainda mais neste dia que é muito especial, um dia para nunca mais esquecer, bem mais fácil de ser lembrado do que aquele outro em que ajudou, como hoje, Dona Camila, quando ela se casou de núpcias festivas com o Sargento de Ordenanças Miguel de Azevedo Beirão, estancieiro na Lagoa. Foi aquele um dia de grande festa em casa do Senhor Martinho Gonçalves, pai da noiva, apesar da penúria em que viviam desde que puseram alfândegas nas paragens da Guarda, nos Campos de Viamão, e soldados furibundos guardavam os caminhos, impedindo que passasse o contrabando de gado, fortuna de Martinho.

Apesar de tudo, foi um casamento concorrido, atraindo gentes de todos os lados, não só de Viamão, mas de todas as terras vizinhas, estancieiros velhos e outros mais novos. Todos compareceram com suas mulheres, filhos e escravos, atendendo ao convite que um peão foi fazendo de estância em estância, proclamando aquilo que já estava num papel pregado à porta da igreja, onde se anunciava o casório entre Dona Camila e o Sargento Miguel, coisa fina.

Houve um baile repenicado de violas e tambor dos negros, do qual se falou por muito tempo, tanto que as pessoas, quando queriam nomear algum acontecimento brilhante e

cheio de reviras, diziam: foi igual como no baile de casamento do Sargento Miguel.

Laurinda correra também como hoje, abrindo baús, costurando babados, ajeitando os vestidos das donas. Os perfumes que cruzavam o ar eram de causar inveja, pois vinham não *do* Reino, que o Reino é pobre nessa indústria, mas da França, um país também depois do mar, mas muito mais longe, e onde se faz o que cativa o gosto. Tudo mandado vir de lá pelo Sargento Miguel, uma vez que o Senhor Martinho Gonçalves não era precavido de fortuna. A bem dizer, o Senhor Martinho entrou só com as novilhas para o assado e os lençóis de linho, finamente bordados, estes sim do Reino. Deus, é claro, o dote habitual, mas isso é coisa muito misteriosa, porque uns dizem que não deu; o fato é que o Sargento Miguel disse a todos que tinha, sim, recebido o dote do seu sogro. Hoje se pensa, será que não disse isso apenas para *não* parecer que se casava com uma dona pobre?

O Senhor Martinho Gonçalves ficou feliz com aquele casamento, tanto que dizia a todos que prezava muito ter por genro o senhor sargento, um homem digno e que viria encompridar de muito suas próprias terras, mercê de um trabalho que incluía a salga de carne e a curtição da courama, tudo remetido em carroças para São Paulo e Rio de Janeiro; E apregoava as virtudes do sargento às pessoas que vieram ao casório, dizendo vejam só como se casa bem a minha filha. Se vocês pensam que faz qualquer casamento, estão muito enganados; o sargento, inclusive, é homem de entrar a qualquer hora do dia ou da noite no palácio do Governador, que recebe ele de chinelas e sem peruca amarrada, são íntimos.

Trouxeram para aquela festa várias garrafas de vinho doce, seladas com cera de abelha, matizadas com lacre, e que se abriam aos pares, de tanto que se bebia nas canecas de folha, nas tigelas de barro e até nas guampas finamente incrustadas em prata. As mulheres beberam sangrias e orchatas feitas com todo esmero pelas cozinheiras da casa, segundo receita que viera das Ilhas, trazida pelos pais do Senhor Martinho quando para cá se tocaram atravessando o tenebroso mar oceano.

Também se fizeram balões vermelhos, com chama por baixo, esses que o povo chama de moça velha, quem sabe por causa do fogo que arde nos baixios. E se erguiam para ficarem parados no ar, a luz tremendo por dentro, maravilhando a todos. Tachadas de doce foram despejadas em cima da pedra, e daí metidas e enroladas dentro de folhas largas de árvore, e todos os convidados puderam levar para suas casas um bocado. Nunca se comeu doce igual, tanto que depois até vinham pedir mais à dona da casa, de tão bom que ficou. Dona Camila, coitada, pouco gozou do doce, pois logo foi levada embora para a casa da Vila, pertencente ao sargento, homem rico. Tão rico que tinha as terras entestando com as águas da Lagoa e só terminando na Vila. Ganhas de el-Rei Nosso Senhor, que Deus o guarde. Também possuía muito animal vadio e outros domados, tantos que não se podia contar direito na época da contagem de gado.

Abriram-se caixas com copos de cristal enrugado, cheios de pontas, onde beberam apenas as pessoas de qualidade. O sargento fez questão de ser ele mesmo a servir aquela gente enfiada em finas roupas. Beberam fazendo par com a gente de menos valor que ficara pela cozinha e arredores da casa. Ia noite alta e cheia de estrelas quando foi amainando a festa, e dos balões foi largado o último, e das vozes apenas restavam uns murmúrios aqui e ali, e uma certa indecência tomou conta dos homens e das mulheres, que se refestelavam nos matos escuros, aproveitando o momento em que na casa se apagavam as luzes, ficando apenas um lampião mortiço em frente ao oratório. Laurinda, ela mesma recolheu os copos e limpou o que sujaram dentro da casa, mas não varreu, que não se varre de noite. Os últimos convidados chegavam para ela bocejando e dizendo boa-noite, siá Laurinda. E se espreguiçavam todos, coçando as costas e olhando uma última vez a noite, meio balançando o corpo, efeito do muito vinho bebido. O sargento fez muita alaúza quando foi para o quarto de Dona Camila, falando alto, que todos ouvissem o momento.

O Senhor Martinho e sua esposa, Dona Bárbara, fizeram questão de levar os noivos até a porta do quarto e pediram

a Laurinda que afastasse os lençóis, e que passasse um ferro bem quente por dentro, pois a noite começava a esfriar.

Tudo quietado. Os noivos já com a porta trancada. Laurinda voltou à varanda, pegou a garrafa de vinho que ainda estava no aparador na tenção de guardá-la; mas um demônio ou bicho-carpinteiro fez com que despejasse um pouco de vinho num copo. Bebeu sentindo um calor por dentro que a deixou envergonhada. Mas era bom. E bebeu outro tanto. E depois mais, até que a garrafa estava vazia e as estrelas dançavam no céu, e não viu mais nada.

Foi um dia de nunca mais esquecer, e Laurinda pensou que jamais iria encontrar um dia como aquele, tão cheio de coisas acontecendo, coisas de botar os nervos pra fora, de tão boas e novas.

Isso ela pensava.

Porque hoje está vivendo um dia muito mais carregado de acontecimentos e novidades, muito mais que aquele outro, do casamento.

Hoje foi acordada em horas que não sabe, era apenas um mexido no seu ombro, Dona Camila ao lado, a vela acesa. Disse acorda, acorda Laurinda, vem me ajudar. Tonta de sono, custou um pouco a dar cobro de si mesma, mas logo sabia por que fora acordada naquelas horas em que todos dormiam, e na praça fazia um silêncio de morte. Acendeu o lampião, lavou a cara, esfregando bem o rosto para espantar a noite e os sonhos que ainda se enredavam em seus olhos. Hoje tinha um dever que lhe tremia o coração, só de pensar. Isto foi-se dando conta à medida que se acordava plenamente e, chegando ao quarto da senhora, reconhecia o vestido branco que se espalhava sobre a cama, tal como ela o deixara na noite anterior. Então, Dona Camila, não dormiu, passou toda a noite em velório? As dobras do vestido, os babados, o cinto de seda, tudo estava como ontem. Dona Camila cruzou a longa noite esperando aquele momento: Laurinda agora via pelo vermelho que se notava nos olhos da senhora, olhos de quem não dormiu nem um instante. E, no entanto, era bonita porque estava cheia de vida e calor, quando lá fora fazia noite e frio. Ela vencia o sono, não é verdade que os apaixonados não têm sono?

Laurinda sentia um baque surdo no peito quando se dava conta do que fazia. Aquele vestido, hoje em cima da cama, seria visto apenas por uma pessoa, e isso era uma verdade que fazia Laurinda bater os queixos de medo, mau agouro. Já trabalhara em vestidos sem conta, em casa do Senhor Martinho, mas nunca, jamais, num que tivesse uso apenas de um dia. Tinha, é claro, feito o vestido do casamento de Dona Camila, mas isso afinal se entende; vestidos de noiva são feitos para durarem apenas um dia, para logo sumirem nos baús. Mas o fato é que são vistos por todo um povo, que vai se admirar com ele, vai copiar para seus futuros casamentos, enfim, o vestido de núpcias tem um préstimo muito maior que qualquer outro, comum. O de hoje, porém, era para uma única pessoa ver. Nem por isso deveria ser mais feio. Laurinda prezava demais o seu ofício para ser desleixada. Se quisesse, podia alinhar em vez de costurar, podia mal e mal pregar os botões, tudo na tenção escondida de usar o pano num outro vestido, quem sabe para si mesma. Mas não, esse devia ser tão bom e bem feito como os outros, Laurinda não deixava por menos.

Como está lá fora, Laurinda? Pergunta Camila, e Laurinda é arrebatada dos seus pensamentos, alegrando-se com a alegria da dona, que a essa hora abre um pote de carmim, frente ao espelho, sorrindo para o próprio rosto refletido. Laurinda vai à janela, entreabre os postigos e vê o abandono da praça, o céu escuro e nevoento e, à frente, as torres da igreja alvejando um pedaço do céu. Um vento fininho e frio entra na quentura do quarto, fazendo com que feche logo a janela, arrepiada. Ainda é noite, senhora, e não tem sinal de sol. A negra vai até o relógio da varanda e, com uma vela, olha o mostrador. Cinco horas, Dona Camila, ainda é cedo para qualquer coisa. Não, Laurinda, vai chegando a hora. — E manda que venha ajudá-la a despir-se.

Dona Camila está alegre, e essa alegria enreda Laurinda, tanto que logo passou aquele baque no coração; já nem se lembra que é noite, e que se está preparando uma cerimônia às escondidas, feito ladrão que rouba. Volta-se toda para Dona Camila, que já tem as faces coradas, recendendo a al-

fazema, perguntando se está fazendo boa figura. Sim, muito bonita, um primor, um anjo de tão bonita.

E está mesmo. Frente ao espelho, a senhora olha-se mais uma vez, movendo a cabeça de um lado para outro, examinando o toucado que ajeita com a ponta dos dedos, um toucado simples, feito por ela mesma, apanhando os cabelos levemente para trás, prendendo-os com dois grampos de chifre.

Um rosto bonito, visto agora de perfil por Laurinda. Parecido com um camafeu, de tão branco e bem cortado, um pescoço fino amparando um queixo levemente adiantado em relação a toda fisionomia, não de feitio a empobrecer a figura, pois ainda lhe dá um ar mais nobre, o que é completado pela testa larga e ampla, pelo nariz fino e beiços arredondados. Dona Camila conhece sua boniteza, e muitos homens enamorou e continua enamorando.

Aqui, Laurinda, me ajuda, ela diz, virando-se de costas. Laurinda prontamente obedece, e vai desabotoando o camisolão de dormir, camisolão de dona, pois preso atrás não permite que se ponha ou tire sem ajuda de mão escrava. O ventre delicado, firme ainda, sem marcas nem as linhas brancas que aparecem naquelas que muito já pariram. Mas ter um filho não é uma sina desejada pela senhora, aliás não faz muito caso disso. Antes lhe interessa o jogo do namoro, tarefa a que se entregou toda desde quando começou a ser mulher.

Laurinda sente outra vez o peito fraquejar, pois o namoro de agora vai indo longe demais, e parece uma loucura, tanto que desembocou neste dia de hoje, dia terrível a qualquer pessoa de juízo formado, e só a alegria de Dona Camila consegue dissipar o miasma amedrontante que paira no ar, e que faz estremecer. Mas Dona Camila não sente, será, toda a opressão desta manhã medonha, em que nem gato mia na rua, nem cachorro late, só o vento, batendo fino no oitão da casa, levanta um lamento de alma penada? Ah, Dona Camila, quisera Laurinda dizer, ajoelhada a seus pés, vamos esquecer tudo isso e vamos voltar logo cada uma para sua cama, vamos voltar para o sono, vamos apagar esse lampião e deixar que nossos olhos se encham mais uma vez de areia, e

que o corpo vá se amolecendo aos poucos, entrando naquela zona onde se vive a mentira dos sonhos. Quisera dizer tudo aquilo, abraçada àqueles pés mimosos, mas lhe falta coragem. E mesmo conhece sua senhora, nada a demoveria do seu propósito anunciado na noite anterior, e que aterrorizou Laurinda, um plano urdido com a mais fina trama, cheio de complicados meandros, difícil de ser aceito, a não ser que se esteja com a cabeça enamorada, como está sua dona.

Timidamente tentou fazê-la mudar de pensamento, mas Dona Camila expunha a ideia com tanto calor e ímpeto, o rosto afogueado de excitação, as pupilas brilhando de gozo, lábios tremendo da espera, que nada pôde fazer, exceto alegrar-se também, e rezar para que tudo desse certo como queria sua senhora, por mais insensato que aquilo parecesse.

Ontem fora para a cama com a impressão de que participara de uma brincadeira das tantas que Dona Camila usava fazer, tinha a imaginação maior que o tino. Antes de dormir, porém, sobressaltou-se. E se fosse verdade o que falaram e riram? Fez um sinal da cruz, encomendou-se a São Miguel, o santo de sua devoção, pediu que nada daquilo acontecesse e que, quando fosse novamente dia, tudo estivesse esquecido. Ia até redobrar-se no serviço, alegre e contente, até ia reconciliar-se com Deus Nosso Senhor levando uma vela à igreja.

Nesta manhã, entretanto, a mexida no ombro, a decisão da dona sentida no olhar, fez com que voltasse todo o despropósito da noite anterior, e ela queria dizer a si mesma que não era verdade. Acordava-se para um pesadelo, que só a alegria de Dona Camila dissipava totalmente. O dia não seria como os outros, de trabalhos, mas um dia muito diferente e, por essa causa, temível.